

# **DESENVOLVIMENTO DA PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA DOS ACADÊMICOS DE LETRAS DA UNIFRA: UM PARALELO ENTRE A MOTIVAÇÃO E A AUTONOMIA DOS MESMOS<sup>1</sup>**

**OLIVEIRA, Vinícius. O.<sup>2</sup>    MACIEL, Adriana. M. N.<sup>3</sup>**

## **RESUMO:**

O objetivo do presente estudo foi identificar duas, das características individuais que cada aprendiz desenvolve no processo de aquisição de L2, limitando o enfoque a indivíduos que tornar-se-ão professores de Inglês como L2. Foram consultados 13 acadêmicos do curso de Letras – Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Para cada participantes, foram feitas 5 perguntas, os quais tinham o intuito de questionar além do tempo que cada um vem desenvolvendo a L2, saber também as formas com as quais o trabalho com a língua é tratado dentro e fora da sala de aula, destacando o nível de autonomia e motivação de cada um, justamente pelo fato de serem futuros professores. As formas com as quais, a autonomia e a motivação apareceram nas narrativas de aprendizagem dos acadêmicos pode se considerar como limitadas as formas que os aprendizes se julgam autônomos e motivados, pois os mesmos declararam que possuem uma dependência muito grande da figura do professor, em sala de aula. A formação dogmática que muitos professores receberam ao longo do período da sua graduação, acabaram limitando esses indivíduos a tornarem-se proficientes, autônomos e motivados para com a aprendizagem de uma L2.

Palavras chave: Aquisição de Segunda Língua; Formação de Professores de Língua Estrangeira ; Autonomia; Motivação.

## **INTRODUÇÃO:**

Com o advento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), houve um crescimento muito grande de usuários de internet, essa tamanha revolução tecnológica influenciou de maneira muito pontual a pesquisa em linguística aplicada, justamente pelo leque de oportunidades que o ensino de linguagem obteve a partir dessa acessibilidade virtual. Entretanto, a respeito da presença das TICs, essa somente é um exemplo da evolução dos estudos de Linguística Aplicada, evidenciando as inúmeras possibilidades que, ao longo dos anos, os aprendizes de língua estrangeira tem para desenvolver sua proficiência baseada em dois pontos principais: a autonomia e a motivação.

A presente pesquisa consiste em um estudo bibliográfico aplicado à realidade dos acadêmicos do curso de Letras (Português e Inglês) do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), dividida na coleta de dados norteadores da análise a ser feita neste artigo, identificando, principalmente, duas características individuais: a autonomia e a

---

<sup>1</sup> Publicação feita a partir das leituras discutidas no projeto de iniciação científica (PROBIC).

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Letras - Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

<sup>3</sup> Professora do curso de Letras – Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano(UNIFRA) e orientadora da presente publicação.

motivação. Partindo da premissa lançada por Holden (2009 p.36), o professor de língua inglesa é um modelo de sucesso para os seus aprendizes; logo o desenvolvimento dessas características nos próprios professores, deverá ser mantido ao longo de sua prática docente como forma de incentivar os seus alunos a se tornarem com as tais características.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE INGLÊS COMO L2**

Ao longo dos últimos anos, com a atualização cada vez mais acentuada da pesquisa em Linguística Aplicada, as características referentes a um bom aprendiz, seja este um aprendiz de língua estrangeira ou materna, acabaram se articulando de uma maneira mais clara na transição de seu significado sociológico, para com o o linguístico aplicado. Há certo tempo, as referências de pesquisa em L.A. vem, também, ganhando um status de área com interferência da antropologia, esquivando o seu foco dos estudos mais clássicos, os quais se preocupavam mais com o ensino de inglês instrumental, como bem ressalta Moita Lopes (1996). Um exemplo trazido pelo referido autor é o Projeto Nacional de Inglês Instrumental, criado e coordenado pela PUC-SP, desde 1978. Essa clara preponderância na pesquisa em L.A. é o tema central da análise em relação a uma visão diacrônica nos estudos da respectiva área. O mesmo autor (MOITA LOPES. 1996 . P.31), ainda acrescenta algumas considerações sobre o projeto desenvolvido:

Embora o projeto estivesse particularmente interessado em ensino de inglês instrumental, conseguiu chamar a atenção de participantes de diferentes áreas de pesquisa em LA na área da educação em LE, aumentando o nível da compreensão teórica deste campo no Brasil. Acredito que um projeto no campo de LM, nos moldes de inglês instrumenta, poderia ser um primeiro passo para a pesquisa em LM.

Todo esse desenvolvimento no campo da linguística aplicada se dá juntamente com as formas em que a aquisição de linguagem, mesmo estando em um período anterior ao Projeto mencionado se dá por diferentes perspectivas, pelas quais são fundamentadas pelas abordagens de caráter: behaviorista, interacionista, gerativista e conexionista aos métodos de ensinar à aprender linguagem.

Os estudos de aquisição de segunda língua começam a se destacar na comunidade acadêmica com teorias como: A Hipóteses de Lado (1954), a Hipótese do input (1982) e a Interlíngua (1972), sendo essa última a de maior aceitabilidade e desenvolvimento no contexto acadêmico. Além de trazer uma nova recorrência ao ensino de línguas estrangeiras, toda a pesquisa em aquisição de L2 basicamente é dividida em 4 pontos

principais: a linguística, a psicologia (cognitiva e social, principalmente), a educação e a antropologia. Com todos esses campos, as características que cada aprendiz desenvolvem podem ser consideradas como um dos grandes objetos de análise, sendo essas características todas centradas a partir do modelo que o professor exerce em sala de aula. Dentre as principais características, tem-se a autonomia e a motivação como singularidades referentes ao que cada aprendiz desenvolve no processo de aprendizagem de L2.

### **DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DE APRENDIZES DE INGLÊS COMO L.E.**

Quanto à autonomia, ela vem sendo muito trabalhada com o foco no desenvolvimento gerado pelo professor ao aprendiz, ao longo dos últimos anos, e a respeito de sua definição, Paiva (2005a), deixa claro:

Definir autonomia não é uma tarefa fácil, principalmente porque há os contextos que os aprendizes podem, realmente, ser autônomos. Os alunos, raramente, estão totalmente livres de interferência de fatores externos que tornam-se como obstáculos para a desejada autonomia.

Ao invés de ser delimitado uma descrição sobre autonomia, é perceptível que a autora justamente deixa de trazer a definição, para como forma de ampliar a discussão sobre essa característica tão em voga pelos estudos de aquisição de segunda língua.

Todas as considerações previamente estabelecidas, aplicadas ao corpus do presente estudo, os acadêmicos de Letras (habilitação em língua inglesa), acabam expondo uma falta de autonomia, muito relevante, no que tange a maior parte dos entrevistados. Essa conclusão obtida caracteriza-se de maneira muito negativa para com a formação acadêmica do futuro profissional das línguas estrangeiras, pois, segundo Paiva apud Lima (2009. p.38):

O professor não é responsável pela aprendizagem do aluno, mas pode ajudá-lo a ser mais autônomo. Os depoimentos dos aprendizes bem-sucedidos, em nossas narrativas de aprendizagem, revelam que eles se envolvem com a língua fora da sala de aula e alguns constam que receberam estímulo de seus professores para essas ações.

Como percebido, a autora defende a autonomia a ponto de confrontar os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais defendem a ideia de que a leitura deve ser o principal foco do professor, em sala de aula.

Nas narrativas de aprendizagem dos acadêmicos de Letras (Inglês), as quais deveriam ser modelos de presença da autonomia, pois tratam-se de aprendizes que

logo estarão modelando outros aprendizes, de maneira que haja uma busca maior pelo insumo linguístico (input) seja em um contexto do estudo propriamente dito, assim como a exposição integrativa do aprendiz ao meio.

## **MOTIVAÇÃO COMO UMA CARACTERÍSTICA INDIVIDUAL NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE L2**

A motivação, outra característica individual que os aprendizes de Inglês como desenvolvem a L2, em relação ao tempo que se encontram ao longo do curso, e com a determinada autonomia que cada um tem. Logo, a motivação, segundo Ellis (1997. p.75) é definida como:

A motivação envolve a articulação e os estados afetivos que influenciam o grau do esforço que os aprendizes fazem para aprender a L2. Vários tipos de motivação foram identificadas: instrumental, integrativa, resultante e intrínseca.

Quanto a cada tipo de motivação, faz-se necessária a explicação que cada tipo de motivação tem, justamente pela enorme proximidade terminológica que a motivação tem para com a autonomia.

Em relação a motivação instrumental, essa se refere ao tipo de motivação que os aprendizes tem para um determinado fim, incitando-lhes a vontade em tratar de determinadas questões acerca da aprendizagem de maneira mais propícia somente para um determinado contexto. Esse tipo de motivação caracteriza-se de maneira muito pertinente, no cenário atual da relação entre ensino e aprendizagem de língua estrangeira, pelo fato de que vários alunos necessitam saber a L2 para um determinado tipo de avaliação, ou seja, um fim específico. Embora, como já citado anteriormente, esse tipo de motivação seja muito comum, os estudantes de Letras, em sua totalidade, acabaram não demonstrando determinado quesito na coleta de dados.

Quanto a motivação integrativa, essa é caracterizada por ser um quesito muito mais comum que qualquer outra particularidade presente na motivação, pois, como já se indica pelo radical da palavra, esta motivação está ligada as possíveis formas de integração entre o indivíduo e determinado meio pelo qual é desejada a referida integração. Essa particularidade se foca em aprendizes que já tiveram alguma experiência internacional, como por exemplo um intercâmbio ou algum determinado tempo que fora vivido no exterior, em que a única forma de comunicação se desse através do uso da língua do lugar nativo.

Já em relação a motivação resultante, percebe-se que essa é baseada nos aprendizes que obtiveram sucesso na aprendizagem de L2, sendo essa mesma

aprendizagem a responsável por esses indivíduos se tornarem muito mais entusiasmados para com o trabalho tanto em língua materna, quanto língua estrangeira pelo fato de uma extrema articulação entre a linguagem. Dentre as motivações já abordadas, a motivação resultativa é a mais presente nas narrativas de aprendizagem analisadas por ser considerada, nesses casos, como a principal razão para muitos dos indivíduos terem decidido se tornarem professores de língua estrangeira. Como fator positivo em relação a esse tipo de motivação que, na maioria das vezes se torna de forma muito implicativa a qualquer estudante, acaba sendo uma forma de transmissão de todo o comprometimento que um aprendiz, para com outro, sendo o primeiro, um dos principais responsáveis pela aprendizagem do segundo.

E a última motivação a ser contemplada, é a intrínseca. Essa forma de motivação vai ao encontro da ideia de que ela é ativada, a partir da curiosidade que cada aprendiz tem, e, como resultado natural dessa curiosidade, aquele que busca aprender a L2 acaba involuntariamente motivado de uma maneira natural. Dessa curiosidade, aquele que busca aprender a L2 acaba involuntariamente motivado de maneira intrínseca, logo, a sua forma de tratar a L2 acaba perpassando por um patamar voltado ao ensino de L2, refletida pela exposição ao input linguístico que se caracteriza por ser mais relevante e frequente. Em linhas gerais, aprendizes assim são mais raros de serem encontrados, e o professor de línguas estrangeiras acaba se tornando como mediador com o princípio ético de desenvolvimento das potencialidades de seus aprendizes, com o intuito de deixá-lo mais autônomo e motivado para com as formas de lidar com a L2. Essa forma de motivação não foi visualizada nas narrativas de aprendizagem dos acadêmicos de Letras, visto que a tendência estabelecida era exatamente proporcional a presença dessas narrativas nos futuros professores de Inglês.

Em linhas gerais, além de serem investigadas as diferentes motivações em cada acadêmico, cada uma dessas características deve-se focar também aos profissionais, como forma de perpetuarem-se motivados para com o trabalho ligado às línguas estrangeiras, pois é comum ver que os professores, acostumados com problemas ligados ao trabalho docente, como: salários baixos, desinteresse dos alunos, infra estrutura precária acabem se tornando profissionais menos autônomos e motivados, para o ensino de suas disciplinas.

A motivação é entendida pelos estudiosos da área, comum fenômeno muito complexo, exigindo que as múltiplas formas de motivação se integrem para o entendimento das várias concepções acerca de cada motivação para o ensino de qualquer língua estrangeira. Todas as diferenças e semelhanças entre cada uma das formas de motivação de cada aprendiz, são classificadas como dotadas de antecedentes, os quais

seriam as aptidões que cada um tem, assim como a orientação e a integração que cada um possui na relação entre ensino e aprendizagem de uma L2 , exigindo que o professor, além de ser um mediador do desenvolvimento ético desse aluno, torne-se também responsável por mediador a aquisição de L2 que o mesmo tem, nos mais diversos ambientes.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa procedeu-se a partir das informações coletadas juntamente a 13 acadêmicos, do primeiro semestre do curso de Letras- Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), os quais, em sua maioria tinham o desejo de se tornarem professores de língua inglesa, interpretes ou tradutores. A publicação deste gênero acadêmico justifica-se de maneira de que os acadêmicos revelem essas características individuais visualizadas em diferentes inteligências defendendo que, em consonância com os estudos modernos de linguística aplicada se caracterizam como um corpus de análise recorrente às últimas pesquisas na área

Foram feitas as seguintes perguntas aos entrevistados: “Há quanto tempo você estuda inglês?”, “Qual foi o seu maior objetivo em aprender a língua-alvo?” “Quais as habilidades linguísticas que você mais procura focar durante o seu estudo?” “Desenvolvimento de L2: Ambiente formal (escola) X Ambiente Informal (exposição ao input linguístico sem mediação de um professor) Disserte a respeito de suas experiências em cada ambiente”, “Avalie a sua aprendizagem da língua-alvo, destacando dois pontos: Autonomia e motivação.

Nessas questões propostas, procurou-se investigar, principalmente, a identidade que esses futuros profissionais da área da linguagem tem, para com o trabalho com a língua inglesa, levando em conta o tempo que o inglês vem sendo estudado, e ao mesmo tempo, questionando-lhes a respeito de como são as formas de lidar com a L2 em ambientes formais e informais.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Em todas as relações feitas entre a teoria, previamente exposta, a respeito das correlações entre autonomia e motivação nesses futuros professores, conclui-se que a realidade com a qual eles se encontram é muito voltada a formação acadêmica que eles recebem, no período de graduação, a qual se caracteriza pelo fato de apresentar uma característica extremamente dogmática para com as formas de se lidar o ensino de uma língua estrangeira, entretanto essa presença não se é encontrada unicamente nos cursos de Letras, é uma característica muito presente em todas as licenciaturas.

Os professores de nível universitário, os quais são os responsáveis pelo que é

ensinado na formação dos futuros profissionais de Letras, em muitos contextos, acabam sendo os responsáveis por serem as maiores referências no ensino e na aprendizagem da L2, fazendo com que estes acadêmicos deixem de ser indivíduos críticos, autônomos e motivados acerca das suas práticas enquanto futuro docente.

A partir das literatura existente na área, pode ser visualizado em algumas narrativas, principalmente, os precedentes da motivação, da integração, da aptidão e da orientação, pois foi possível perceber que alguns indivíduos possuem uma aptidão maior do que outros, e uma explicação para isso, seria a referência de uma orientação de sucesso, aliada a uma integração para com o meio encontra-se norteado com a presença da língua estrangeira.

### **CONCLUSÕES:**

Com base na união entre teoria e prática previamente investigadas, percebeu-se que as relações entre autonomia e motivação, além de estarem em extrema ligação, como a literatura já indica, elas podem e devem ser desenvolvidas pelos professores de línguas estrangeiras, em geral, nas suas aulas como forma de tornarem os aprendizes mais entusiasmados e proficientes na relação entre ensino e aprendizagem para com a língua alvo.

Pelos participantes da coleta de dados terem sido estudantes de Letras (Inglês) do primeiro semestre do curso de Letras da UNIFRA, sendo eles futuros professores, estabelecem-se a visão que cada um tem acerca de cada característica, bem como as maneiras com as quais cada um enxerga esses pontos, sendo eles manifestados de maneira extremamente precária, pois, além de desconhecerem a mudança que se faz do viés sociológico para o linguístico aplicado, esses aprendizes estão ligados de uma maneira muito significativa a figura do professor, de modo que esse seja o principal responsável em relação a aprendizagem de cada um.

### **REFERÊNCIAS:**

ELLIS, Rod. **The study of second language acquisition**. Estados Unidos: Oxford University Press, 1994.

HOLDEN, Susan. **O Ensino e Aprendizagem de Inglês nos dias Atuais**. São Paulo: Macmillan, 2009.

LIMA, Diógenes. **O Ensino e aprendizagem de Inglês**. São Paulo: Parábola, 2009.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e**

educacional dos processos de ensino aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.